



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16570 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT15 - Educação Especial

Ações de inclusão escolar do aluno surdo em um curso técnico do IFRN

Maria Izabelli Cassiano da Silva - UFRN - PPGEEsp - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Luz Clarita Silva de Almeida - UFRN - PPGEEsp - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Aureliano Gomes da Silva - UFRN - PPGEEsp - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

AÇÕES DE INCLUSÃO ESCOLAR DO ALUNO SURDO EM UM CURSO TÉCNICO DO IFRN

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos sete anos, observou-se um aumento significativo na matrícula de novos alunos com deficiência no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do RN (IFRN), especialmente após a alteração da Lei 12.711/2012 pela Lei nº 13.409/2016, conhecida como Lei das Cotas. Este aumento foi particularmente notável entre alunos com surdez. Segundo dados do sistema Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP) do IFRN (2024), entre 2017 e 2024, o instituto recebeu cerca de 27 novos alunos com surdez. Em contraste, no período de 2015 a 2017, antes da alteração da lei, havia apenas um aluno surdo matriculado. Esta situação evidenciou a necessidade de avaliar as adequações realizadas e sua efetividade para garantir a inclusão desses alunos no ambiente escolar técnico. Além disso, cada vez mais, as pessoas surdas estão buscando ocupar seu espaço no mundo acadêmico e no mercado de trabalho. Para isso, os Institutos Federais dispõem de programas, projetos e ações políticas que auxiliam a inclusão dos discentes com deficiência, através da oferta de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional e Superior. Segundo Barros (2016, p.27)

O sujeito surdo não é um ser de total desconhecimento do resto da sociedade. Ele acompanha todo processo evolutivo humano, o que, ao longo desta trajetória, lamentavelmente, vivenciou toda sorte de maus tratos,

discriminações, sofrimentos e até, em alguns casos, a própria morte. Contudo, esta situação sofreu modificações para a participação social dessas pessoas. Hoje muitos estão inseridos em vários setores da sociedade como no esporte ou atuando como profissionais no setor econômico. (BARROS, 2016, p. 27)

Assim o presente trabalho apresenta originalidade e relevância, diante da carência de pesquisas sobre a efetividade das ações de inclusão escolar dos alunos com deficiência, principalmente com surdos nos Institutos Federais. Segundo Angelico (2021), um dos autores que discute a temática, apesar de ter vários trabalhos de dissertação, teses e periódicos com a temática da inclusão escolar, poucos são os estudos sobre o tema na educação técnica profissionalizante. A pesquisa também contribui para o enriquecimento do debate acadêmico, em consonância com os estudos de autores como Barros(2016) e Silva e Oliveira (2020), pesquisadores renomados na temática abordada.

Diante desse cenário, com foco em um Campus da região metropolitana do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), surgiu a necessidade de identificar quais ações são realizadas em prol da inclusão do aluno com surdez para garantir a sua efetiva participação no ensino técnico integrado ao ensino médio?

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Concepções do aluno surdo

A história da Educação Especial e do Ensino Inclusivo é caracterizada por uma evolução notável ao longo do tempo, refletindo transformações nas percepções sociais, nas políticas educacionais e nas abordagens pedagógicas (Fiorese e Silva, 2023). Até meados do século XX, indivíduos com deficiências enfrentavam marginalização e exclusão das oportunidades educacionais. Especificamente para os surdos, a comunicação era uma grande barreira, pois a língua de sinais, sua forma natural de comunicação, não era reconhecida nem valorizada(Duarte et al., 2013). Em vez disso, tentativas de assimilá-los à língua oral predominante resultaram em dificuldades de comunicação e aprendizado. Em muitas culturas, a surdez era vista como uma incapacidade que limitava as oportunidades sociais e educacionais dos surdos, levando à exclusão e falta de acesso adequado à educação. No entanto, ao longo do tempo, houve avanços significativos na compreensão da surdez e na promoção da igualdade de direitos e oportunidades para os surdos.

Um marco significativo para a inclusão de alunos surdos fora da modalidade regular de ensino foi a alteração da Lei 12.711/2012, pela 13.409/2016, a qual dispõe sobre o ingresso nas Universidades Federais e nas Instituições Federais de ensino técnico de nível médio, acrescentando pessoas com deficiência nas reservas de cotas (BRASIL, 2016). Essa foi uma mudança significativa, que trouxe novas oportunidades para que estudantes com deficiência, incluindo os surdos, pudessem ingressar em Universidades e Institutos Federais, possibilitando o acesso ao ensino superior e técnico.

Atualmente, apesar da presença de diversas leis que visam garantir a inclusão de pessoas com deficiência nas escolas, ainda se percebe uma escassez evidente de recursos para adaptação e acessibilidade em muitos ambientes escolares, tanto públicos quanto privados. Como mencionado por Silva (2012), as dificuldades na inclusão de pessoas com deficiência são notáveis não apenas no ambiente escolar, mas também no mercado de trabalho, incluí-los têm representado um desafio ao longo dos séculos. Embora seja comum atribuir a dificuldade à perda auditiva, o verdadeiro obstáculo reside no não conhecimento da sociedade da Língua de Sinais, a qual é necessária para a comunicação das pessoas surdas.

Desta forma, considerando o ambiente escolar, segundo Batista *et al.* (2017) a interação e envolvimento dos alunos surdos com os ouvintes exige um olhar mais específico sobre as práticas desenvolvidas dentro da escola, considerando que a totalidade do ato educativo envolve uma mudança de postura, tanto dos profissionais quanto dos alunos. Logo, a interação através da LIBRAS, tanto por parte dos surdos quanto dos ouvintes, representa o primeiro passo crucial para a promoção da inclusão.

É importante ressaltar que, quando a escola recebe alunos com deficiência, ela deve ajustar-se às suas variadas necessidades, modificando sua abordagem pedagógica e provendo os recursos essenciais para garantir o acesso à aprendizagem e, conseqüentemente, sua permanência no ambiente escolar. Para que a inclusão escolar efetiva de alunos surdos seja bem-sucedida, é fundamental que ocorram ações governamentais, alterações na organização do trabalho pedagógico, com a participação de todos os envolvidos, incluindo a propagação da LIBRAS.

Especialmente no contexto do ensino técnico, os alunos surdos enfrentam

desafios adicionais devido à natureza técnica e ao uso de terminologia específica das disciplinas. Dessa forma, o processo de inclusão realizado na instituição deve ser diferente da “[...] inclusão pura e simples, da inclusão por contato, por osmose.” (FRANCO, 2013, p.217). Para auxiliar com esta questão, os Institutos Federais contam com a estrutura do Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), um núcleo multidisciplinar que desenvolve ações ligadas à inclusão, como assessoria ao corpo docente, discente, servidores, técnico-administrativos e comunidade externa, capacitações, produção de materiais didáticos e disponibilização de equipamentos. Dessa forma, o aluno terá seus direitos garantidos e poderá desenvolver uma aprendizagem significativa. (Domanovski e Vassão, 2016)

Outro fato importante para sua efetiva inclusão é a interação entre o estudante surdo e seus professores para a consolidação dos processos de ensino e de aprendizagem, visto que, conforme salientam Silva e Oliveira (2020, p.6) “a construção de uma relação afetiva entre professor e estudante [...] pode dar pistas de como o professor pode desenvolver práticas pedagógicas diferenciadas.” Dependendo do nível de aproximação alcançado, o docente pode obter maior detalhamento sobre situações do cotidiano do surdo, como seus afazeres no trabalho, sua rotina e seu percurso nas demais disciplinas do curso. Com base nessas informações, é possível relacionar conteúdos do componente curricular com a realidade vivenciada pelo estudante.

2.3 Metodologia

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa. Para Gil (2008), o uso dessa abordagem propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada, buscando-se o que era comum, mas permanecendo, entretanto, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos. Sendo assim os dados coletados são predominantemente descritivos.

O meio escolhido neste estudo para coletar os dados foi por meio da entrevista semiestruturada que, de acordo com Manzini (2020, p. 43), pode trazer informações de forma mais livre e as respostas sem uma determinada padronização de alternativas.

O participante da pesquisa foi aluno do curso de nível médio integrado ao

técnico de informática de um Campus da região metropolitana do IFRN durante os anos de 2019 a 2022. Atualmente possui 21 anos, homem, de cor branca e surdo. A escolha deste participante para a entrevista se deu pelo fato dele ter sido o primeiro surdo a estudar no Campus e também por ter tido êxito na conclusão do curso dentro dos 4 anos de duração. A participação do egresso surdo baseou-se na necessidade de se contar com a sua visão de estudante com deficiência em um Instituto Federal de Ensino, no sentido de se conhecer melhor a realidade na perspectiva da inclusão no Campus.

O roteiro para a entrevista com o egresso foi elaborado considerando aspectos sobre inclusão e experiências vivenciadas pelo aluno no Campus do IFRN. Os temas foram abordados por blocos, utilizando as seguintes temáticas: Identificação com o que estudava; Aprendizagem e interação do aluno e; Assistência ao aluno com deficiência, considerando que o participante era surdo, a entrevista foi realizada em Libras e foi necessário realizar a filmagem com a autorização do egresso.

A análise dos dados coletados na pesquisa foi conduzida utilizando a técnica da análise de conteúdo de Bardin (2010) a qual implica em procedimentos sistemáticos e objetivos para descrever o conteúdo e identificar indicadores relevantes, permitindo inferir conhecimento acerca das condições de produção e recepção dos conteúdos.

2.4 Resultados e discussões da pesquisa

O conjunto de dados permitiu acesso aos relatos narrados pelo estudante egresso surdo elencando fatores que para ele foram de suma importância para a sua inclusão escolar e as principais dificuldades vivenciadas. Desta forma as discussões foram realizadas através das categorias: Características do egresso; Aprendizagem e interação do aluno e; Assistência ao aluno com deficiência.

Através da categoria características do egresso, identificou-se que o ex-aluno surdo estudou do curso técnico em informática integrado ao ensino médio em um Campus do IFRN, no período de 2019 a 2022, sua entrada na instituição foi através do sistema de cotas para deficientes. Ao perguntar sobre os motivos que o levaram a optar pelo curso e pela instituição de ensino ele respondeu: *“Porque eu não conhecia o IF, tinha curiosidade de saber como era estudar aqui no IF, ter a experiência de estudar um curso técnico”*. Essa narrativa corrobora a busca pelo

conhecimento do aluno com deficiência, o que se relaciona às novas oportunidades legais, que proporcionaram a inserção de novos alunos com deficiências nos Institutos Federais. Articulando dados anteriormente apresentados e sua fala, pode-se inferir que os estudantes com deficiência estão cada vez mais sendo inseridos no meio do ensino técnico, buscando por sua profissionalização.

A análise do processo de inclusão do estudante surdo precisa tratar sobre questões mais abrangentes, relacionadas à Inclusão escolar, não somente em sala de aula, mas também com a comunidade acadêmica como um todo. Quando questionado sobre a convivência na comunidade acadêmica, o estudante relata a reação dos colegas de sala, quando ele chegou ao Campus: *“Inicialmente todas só me observavam, depois alguns alunos do curso de mecatrônica começaram a interagir comigo, falando oi em libras, tomei um susto, como assim as pessoas querem falar comigo em libras? Eu fiquei tímido, só depois eu tomei coragem e comecei a interagir também”*.

Sobre a sua relação com as demais pessoas da comunidade acadêmica, ele informa: *“Ah, aqui no IF, as pessoas no geral são legais, sempre na lanchonete as pessoas me encontravam, falavam comigo, dando um sinal acenando, os professores falavam comigo, e outras pessoas também do Campus”*. Especificamente sobre a interação inicial com seus professores, destacamos a seguinte fala: *“No primeiro dia em que eles me viram, tomaram um susto em ver um surdo, ficaram preocupados com a comunicação, porque ainda não tinha intérprete, porque eles não sabiam Libras, então sim ficaram preocupados”*. Ao analisar as falas do egresso, percebeu-se o interesse dos colegas ouvintes pelo aprendizado da LIBRAS, a fim de promover a interação e a comunicação com o estudante surdo, como podemos observar na fala: *“Ah, começou um vindo falar e depois todos interagem comigo”*.

Quando perguntado se houve no Campus promoções de inclusão para surdos, ele responde que foram realizados dois de cursos de LIBRAS voltados para a comunidade acadêmica e ainda eventos voltados para temática da surdez, como dia do surdo e a semana da acessibilidade, além do Coral em LIBRAS. A participação extra sala de aula do egresso surdo envolvia: competições esportivas, teatro, aulas de campo e, ainda, bolsista na própria instituição. Percebeu-se que sua interação social com os demais alunos foi crucial para sua a inclusão escolar. Conforme dito por Domanovski e Vassão (2016), para que a inclusão escolar de

alunos surdos seja efetiva, é essencial que haja mudanças na adaptação e organização do trabalho pedagógico, envolvendo a participação de todos os envolvidos. Em especial, a escola deve capacitar os colegas em LIBRAS.

Sobre sua assistência escolar, perguntas foram feitas sobre a realização das adaptações de atividades escolares, o ex-aluno informa que houve uma certa resistência de alguns professores em realizar as adaptações de atividades, como nas falas: *“Mas no início não teve, depois que houve”* ou *“Isso, teve zero, adaptação. Foi eletrônica que paguei duas vezes e na primeira vez não teve adaptações também”*. Na resposta do egresso, ele refere que, na primeira vez que cursou uma das disciplinas, não houve adaptações de atividades, associando diretamente este fato com não ter conseguido passar na disciplina e, por isso, precisou realizar novamente. Na seguinte fala, ele afirma: *“É, em eletricidade eu consegui passar sem adaptações, mas em eletrônica, na segunda vez, eu consegui por causa das adaptações. Ficou mais claro.”*. Essa situação vivenciada reforça os argumentos de Domanovski e Vassão (2016) sobre a importância fundamental para que ocorra a reorganização do trabalho pedagógico, com as devidas adaptações, para a conquista de um desenvolvimento educacional por parte do aluno.

Muitas ações de inclusão e de permanência foram realizadas com o ex-aluno, quando perguntado sobre sua participação em demandas extra sala, ele informa que participou de centro de aprendizagem, aulas de campo e competições esportivas, o que demonstra uma participação efetiva nas atividades escolares, sem restrição. A instituição possui auxílios estudantis para os alunos caracterizados de baixa renda e este egresso era contemplado. Nesse caso, ele participou da seleção de bolsistas, onde atuou no setor de apoio acadêmico, obteve o auxílio alimentação na escola, auxílio transporte e durante a pandemia recebeu o auxílio tecnológico para compra de um notebook e pagamento de internet, ações essenciais para sua permanência acadêmica. Além das aulas regulares, o aluno recebia atendimento do NAPNE através de acesso a psicologia, conforme ele informa: *“Sim, participei de algumas atividades na sala do NAPNE com a psicóloga”*, além da interpretação em libras em sala e todas as atividades escolares.

3 CONCLUSÃO

Os resultados demonstraram que, apesar de existirem várias iniciativas de inclusão, ainda há desafios significativos a serem superados, especialmente no que

diz respeito à adaptação de atividades escolares e à formação continuada de professores para lidar com as necessidades específicas dos alunos surdos. A presença de intérpretes de Libras, cursos de Libras para a comunidade acadêmica e eventos voltados para a temática da surdez foram pontos positivos destacados pelo egresso. No entanto, a resistência inicial de alguns professores em adaptar atividades pedagógicas e a falta de intérpretes no início do curso mostram que ainda há espaço para melhorias.

A análise também revelou que a interação social entre alunos surdos e ouvintes, bem como a participação em atividades extracurriculares, foram cruciais para a inclusão efetiva do aluno surdo. A assistência oferecida pelo NAPNE, incluindo apoio psicológico e auxílios estudantis, foi fundamental para garantir a permanência acadêmica do aluno.

Portanto, é evidente que, para alcançar uma inclusão escolar verdadeiramente eficaz, se faz necessário um esforço contínuo e colaborativo entre todos os membros da comunidade acadêmica. Desta forma a pesquisa contribui para o enriquecimento do debate acadêmico sobre a inclusão de alunos com deficiência nos Institutos Federais e destaca a importância de políticas e ações que promovam a igualdade de oportunidades para todos os estudantes.

REFERÊNCIAS

ANGELICO, A. A. O. **Inclusão escolar na educação profissional técnica: reflexões sobre a perspectiva de professores e coordenação pedagógica**. 2021. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação), UNESP. Bauru, 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, M.B. **Inclusão e educação profissional: a acessibilidade no Instituto Federal do Amazonas, Campus Maués e sua influência na educação do estudante surdo**. Dissertação. 2016. (Mestrado em Ciências). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, Rio de Janeiro, 2016.

BATISTA, T. C. S. et al.. Surdos e ouvintes: uma interação com a diferença. **Anais IV CONEDU...** Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/38640>>. Acesso em: 12/04/2024

BRASIL. Lei n. 13.409, de 28 de dezembro de 2016. Altera a Lei n. 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino. **Casa Civil**, Brasília, 2016.

BRASIL. Lei n. 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio

e dá outras providências. **Casa Civil**, Brasília, 2012.

DOMANOVSKI, M.; VASSÃO, A. M.. **A Importância da Libras para inclusão escolar do surdo**. In PARANÁ, Secretaria de Educação. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: artigos. Versão online, 2016. [25] p. ISBN 978-85-8015-03-3. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde> Acesso em 24 jun. 2024.

DUARTE, S. B. R. et al. Aspectos históricos e socioculturais da população surda. Rio de Janeiro: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v.20, n.4, out.-dez., p.1713-1734, 2013.

FIGLIARELLI, E.; SILVA, J. G.. **Relatos de experiências em práticas pedagógicas nas licenciaturas Unoesc on-line: educação especial e ensino inclusivo**. Joaçaba: Editora Unoesc, 2023. p. 276.

FRANCO, M. Currículo & emancipação. In: SKLIAR, C. (Org.). **Atualidade da educação bilíngue para surdos: processos e projetos pedagógicos**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2013. p.213-224

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MANZINI, E. J. **Análise de entrevista**. ABPEE: Marília, 2020.

SILVA, A. M. **Educação especial e inclusão escolar: história e fundamentos**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

SILVA, M.; OLIVEIRA, H. L. T.. Formação profissional integrada ao Ensino Médio: um estudo de caso com estudante surdo. **Revista Educação Especial**, v.33, p.1-23, 2020.